

DRAMATURGIA INDÍGENA EM SALA DE AULA – PROCESSOS CENOGRÁFICOS

MOURA, Carolina Bassi de; Doutora; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, carolina.moura@unirio.br¹

Núcleo de Pesquisa Traje de cena, indumentária e tecnologia da USP

RESUMO

Tem-se destacado a temática indígena no teatro, e pode-se observar também o aumento de ingressantes indígenas em cursos de artes cênicas, trabalhos científicos em congressos como a ABRACE, e profissionais indígenas em todas as frentes de trabalho em obras teatrais e audiovisuais. Grandes museus têm revisto suas abordagens, requisitando curadorias indígenas para que elas mesmas possam apresentar a temática indígena ao público². Afinal, vivemos um momento de necessária revisão crítica em relação à nossa história e, muitos temas, antes, pouco debatidos em nossa sociedade, agora começam a ganhar merecido espaço.

O presente trabalho apresenta a experiência da autora em sala de aula, como docente do Bacharelado em Cenografia e Indumentária, da Escola de Teatro da UNIRIO, ao propor uma dramaturgia indígena como ponto de partida para a criação de um projeto cenográfico completo, em uma das disciplinas do primeiro semestre de 2023. A dramaturgia escolhida foi escrita por Josias Sateré, líder *kapi* do clã *ut*, e é a primeira dramaturgia Sateré-Mawé escrita, a partir de uma narrativa oralizada. A escolha do texto teve o intuito de promover uma aproximação e um diálogo com a cultura indígena, desafiando a descolonização do nosso pensamento criativo.

Para desenvolver a pesquisa, a metodologia incluiu leitura conjunta da dramaturgia e debates com os alunos sobre a estruturação do texto, personagens, ambientes mencionados pelo enredo e a crítica inserida pelo autor às péssimas condições de vida da população indígena na cidade de Manaus; partilha de textos (SATERÉ; ALBUQUERQUE; GORDIANO, 2022)

¹ Carolina Bassi de Moura é Doutora e Mestre em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). É professora adjunta do Bacharelado em Cenografia e Indumentária da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) desde 2016. É diretora de arte, cenógrafa e figurinista em teatro e cinema, interessada pela integração das linguagens artísticas.

² Como o Museu da Língua Portuguesa (SP), com a exposição *Nhe'ê Porã: Memória e Transformação*, com curadoria da artista e educadora Daiara Tukano; ou pelo menos, convidando-os a participar de uma co-curadoria, como foi o caso do Museu Histórico Nacional (RJ), com a exposição *Íandé - Aqui estávamos, aqui estamos*, entre muitos outros.

(SATERÉ; ALBUQUERQUE; JUNQUEIRA, 2020) e vídeos sobre a cultura Sateré-Mawé; pesquisa iconográfica que reuniu fotografias e gravuras afim de dar materialidade à cultura em questão (desenho arquitetônico, estética dos objetos, indumentária, adereços e pintura corporal) (NUNES, 1954); entrevista feita pela pesquisadora com o autor da dramaturgia, Josias Sateré (maio, 2023), e com o professor Renan Albuquerque (UFAM), pesquisador da cultura sateré-mawé (maio, 2023); acompanhamento do desenvolvimento dos seis projetos cenográficos da turma de *Projeto Integrado Cenografia e Indumentária* (2023.1).

Neste sentido, a abordagem será pedagógica revelando os caminhos percorridos para a realização destes projetos cenográficos, os ganhos para os alunos, brancos em sua maioria, o ensino e a universidade, mas também as dificuldades enfrentadas para a efetivação de um processo criativo coerente com a cultura observada, considerando as distâncias, física e cultural, e a limitação do material bibliográfico encontrado.

Descobriu-se muito sobre a nação Sateré-Mawé, mas, sobretudo, tornou-se evidente o quanto ainda não sabemos sobre as culturas indígenas presentes em nosso país e que também compõem a cultura brasileira, como um todo. A ideia de “povo brasileiro”, defendida por Darcy Ribeiro (1995), aponta para a necessidade de assumirmos nossa multiplicidade para que possamos nos entender e “inventar o país que queremos”. A ideia é utópica por lidar com a paradoxal *unidade* na *multiplicidade* de nossa formação, mas é preciso encará-la para evoluirmos como nação brasileira.

Palavras-chave: sateré-mawé; teatro indígena; representação indígena no teatro; formação em cenografia